

PERCEPÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS NA CIDADE DE NATAL

Dr^a. TEREZINHA PETRUCIA DA NÓBREGA

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (Gepec) – Natal (RN)
E-mail: pnobrega@ufrnet.br

THOMPSON PEREIRA DA COSTA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Bolsista de iniciação científica – Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (Gepec) – Natal (RN)
E-mail: coast85@gmail.com

MOALDECIR FREIRE DOMINGOS JUNIOR

Bolsista de iniciação científica, voluntário
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (Gepec) – Natal (RN)
E-mail: moalufrn@yahoo.com.br

RESUMO

Na pesquisa, realizada entre os anos de 2004 e 2007, entrevistamos pessoas que participam de práticas corporais na cidade de Natal (RN), a maioria em espaços públicos da cidade: parques, praias, praças, áreas de lazer. Por meio da abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty, buscamos compreender processos de subjetivação desencadeados pelas práticas corporais. Indagados sobre qual a motivação para realizar as práticas e sobre a percepção do corpo e do espaço, os sujeitos apontam para questões como manter uma vida saudável, finalidades estéticas e de lazer. Essa percepção é intensificada com a afirmação dos sujeitos a respeito das diferenças entre as zonas administrativas da cidade e seus espaços para o lazer, a cultura, para o cultivo do corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física; corpo; fenomenologia.

INTRODUÇÃO

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz repetir o discurso, e enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, ao se sair de Tamara é impossível saber (CALMINO, 1990, p. 18).

A cidade coloca em cena e exige novos modos de vida que atingem a família, o trabalho, o descanso, as necessidades fisiológicas, o lazer, a educação, as imagens do corpo, das práticas corporais. Ultrapassando as práticas higiênicas de asseio, no século XIX e na primeira metade do século XX, o esporte moderno foi associado ao plano da competição, do divertimento, da vida ao ar livre, da formação moral. De acordo com Lucena (2001), o esportista, o *sportman*, representava os sentimentos de coragem, lealdade, superação de si, solidariedade, necessários ao processo social vigente. Nesse novo contexto social, o esporte funcionou como uma verdadeira escola de virtudes e gradativamente vai ocupando o centro das atividades corporais, modificando a paisagem e o modo de vida urbano.

O esporte moderno pode ser considerado como uma pedagogia higiênica. Sobre esse aspecto, a citação que se segue é esclarecedora:

Símbolo da vida saudável, o esporte é esta pedagogia que ensina não apenas a economizar forças, a treiná-las para ações certas e úteis, mas, sobretudo, a tirar proveito emocional do trabalho, a divertir-se treinando o corpo. É esta pedagogia que irá, em curto espaço de tempo, ensinar de maneira totalmente nova, como podem ser sadios os divertimentos, ou seja, não apenas praticar esporte, mas também assistir ao esporte, formar, portanto, o espectador do divertimento sadio (SOARES, 2006, p. 81).

Nos anos de 1980, a corporeidade ganha um vulto no espaço social nunca antes visualizado. As práticas esportivas, as academias de ginástica, o *personal training*, as clínicas de estética proliferam por todos os centros urbanos. A *geração saúde* irá se preocupar também com a forma e o volume dos corpos, a aparência e a expressão corporal. Para tanto, as práticas corporais e o esporte, em particular, tomam outro sentido, não mais relacionado às práticas de higiene e asseio como ocorreu em fins do século XIX e no início do século XX. Trata-se de um novo higienismo mais voltado para a preocupação com as formas do corpo, seu peso, volume e com os índices de massa corporal (IMC), como aponta Soares (2006).

A década de 1980, considerada no nosso país como a época da *geração saúde*, vai potencializar esse culto ao corpo e à ideia de auto-regulação da saúde. O sujeito individual passa a ser responsável pela sua saúde e bem-estar. No entanto, a

multiplicação das imagens sobre corpos saudáveis sempre belos é bem mais rápida do que uma produção real de saúde e beleza no cotidiano, em diferentes classes sociais, como aponta Boltansky (2004).

Contemporaneamente, cresce significativamente o número de pessoas que realizam algum tipo de atividade física, com vistas à *performance* esportiva, ao *fitness* ou para fins de saúde, lazer e qualidade de vida. De modo geral, há um discurso corrente que associa a prática da atividade física à promoção da saúde. No entanto, pesquisas mostram que a busca por um estilo de vida ativo encontra-se, em grande medida, associada ao culto ao corpo (CASTRO, 2003; FRAGA, 2006; DANTAS, 2002; MENDES, 2007).

No período de realização da pesquisa, uma Academia de Ginástica espalhou *outdoors* pela cidade, divulgando frases como: “Deixe os pneus para os borracheiros”, “Fique dividido e multiplique mulheres”, “Fique sarada e deixe o seu ex doente”. Esse tipo de publicidade reforça o culto ao corpo e uma ideologia do ser saudável, bem como se apresenta como um cenário investigativo importante para a educação física. Diante das regras do culto ao corpo, como reagir? O que a educação física pode fazer para produzir uma crítica a essa cultura da aparência e do consumo potencializadas pela ideologia da saúde e do culto ao corpo?

Considerando essas questões, mapeamos as práticas corporais realizadas em áreas de lazer, parques, ginásios e outras áreas da cidade para compreender a intencionalidade dessas práticas a partir da experiência vivida dos sujeitos; bem como apontar perspectivas de compreensão das práticas corporais como um espaço de construção da subjetividade, da ética, da estética, do *bem-viver* e do *viver-com* no espaço urbano contemporâneo.

O método de pesquisa fundamenta-se na fenomenologia, em particular no pensamento filosófico de Merleau-Ponty (1964, 1991, 1994, 2000). Ao adotar a fenomenologia como referência metodológica, faz-se necessário incorporar a atitude ancorada na experiência vivida e aberta às aventuras da reflexão. O método fenomenológico é, antes de tudo, a atitude de envolvimento com o mundo da experiência vivida, com o intuito de compreendê-la.

Como técnica de pesquisa utilizou-se a estratégia do fenômeno situado, configurada em três momentos interdependentes: descrição, análise ideográfica e análise nomotética. Na descrição buscamos compreender a experiência vivida dos sujeitos no que se refere aos sentidos para a realização de práticas corporais (saúde, estética, lazer, consciência corporal, entre outros), as condições ambientais e sociais dessa prática (equipamentos, orientação profissional, atendimento às expectativas dos sujeitos). Os dados foram obtidos por meio de depoimentos de sujeitos que

participam de práticas corporais em diferentes espaços da cidade (parques, praias, praças, áreas de lazer).

Os depoimentos foram colhidos por meio de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas. O momento posterior à descrição diz respeito à análise ideográfica, realizada a partir das unidades de significado, retiradas dos depoimentos de cada sujeito. Com essa análise tem-se um perfil de cada sujeito o qual irá compor a análise nomotética, isto é, as convergências das unidades de significado do grupo investigado. A partir dessa matriz passamos para a interpretação referencial e em diálogo com a fundamentação teórica construímos a rede de significados sobre o fenômeno investigado, ou seja, sobre os sentidos das práticas corporais no espaço urbano.

A PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS

Natal é uma cidade sem flores. Falta d' água. Terra de tabuleiro muito mais para mangaba que para flor. Sopro do rio salgado. Brisa quente do mar. Lagoas no meio da cidade que infiltravam salubridade. Não há flores. Melhor é dizer que já não há. Lembro-me de Natal cheia de jardins. Uma quase obrigação cultivar os palmos de terrinha depois do portão. Era um encanto andar em certas ruas... (CASCUDO, 2005, p. 119).

Além das cidades imaginadas por Calvino (1990), das crônicas cascudianas sobre a cidade de Natal dos anos de 1920, inspiramo-nos também em Sennett (2001), autor que apresenta uma importante história da cidade por meio da experiência corporal dos sujeitos e de suas experiências cotidianas, as formas de vestir-se, a higiene, as práticas sociais e religiosas, entre outras que configuram a relação do corpo com os espaços, a experiência do tempo, da velocidade, dos deslocamentos.

Para Sennett (2001), o corpo humano é um caleidoscópio de épocas, uma divisão de sexo, culturas. Sua tese fundamental atesta que cada época tem o seu modelo de corpo, bem como uma forma de reação a esse modelo. O autor analisa as relações entre as experiências corporais e o espaço urbano, refletindo sobre a articulação dos valores atribuídos ao corpo na sociedade ocidental e os desdobramentos epistemológicos e políticos nos projetos arquitetônicos desde a Grécia antiga às cidades contemporâneas. Parte desse pensamento e dessa articulação entre os domínios do corpo e da cidade pode ser demonstrada, por exemplo, a partir dos princípios da fisiologia grega e as regras para se conduzir na cidade quanto ao uso das vestimentas ou a frequência a lugares públicos. Assim, "como as mulheres eram mais frias [que os homens], elas não se mostravam nuas na cidade, mas permaneciam na penumbra e no interior das moradias (idem, ibidem, p. 31).

De acordo com Sennett (2001) por mais de dois mil anos, a ciência médica aceitou os princípios relativos ao calor do corpo. Com o surgimento da obra de Harvey, em 1628, sobre a circulação do sangue, ocorre uma mudança na compreensão do corpo, sua estrutura, seu estado de saúde e sua relação com a alma, originando uma nova imagem e modelo que irá influenciar outras teorias científicas e políticas sociais. Destaca-se, por exemplo, a analogia da circulação do sangue e impulsos nervosos e a experiência ambiental. “No início dos anos 1700, Platner dizia que o ar é como o sangue, devendo percorrer o corpo e, a pele é a membrana que lhe permite respirar” (idem, *ibidem*, p. 218).

Essa analogia estendeu-se aos hábitos cotidianos de vestir, de disfarçar o cheiro do suor com perfumes fortes, de tomar banho, entre outros métodos de asseio corporal.

A partir de 1740, os grandes centros europeus começaram a cuidar da limpeza urbana, drenando buracos e depressões alargadas, cheias de urinas e fezes, promovendo sua canalização para esgotos subterrâneos [...]. Tais mudanças foram acompanhadas por uma série de leis de saúde pública (idem, *ibidem*, p. 220).

Esses são alguns exemplos da história das cidades e as relações científicas, sociais e políticas que envolvem o corpo humano. Sennett (2001), sob a lembrança afetiva e intelectual de Michel Foucault, mostra-nos o corpo político e demarca o interesse pelos projetos arquitetônicos, a privação sensorial, a passividade, a monotonia que aflige o espaço urbano e as necessidades do corpo. Desse modo, “as relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas reações, como se veem e ouvem, como se tocam e se distanciam (idem, *ibidem*, p. 17).

Essa abordagem do corpo em relação ao espaço e ao outro, portanto do corpo político, aproxima-se da abordagem de Merleau-Ponty sobre a experiência do corpo no espaço e sua relação com o outro. Em contrapartida, cabe esclarecer – no domínio do pensamento de Merleau-Ponty e de nossa própria pesquisa – os investimentos sobre o corpo em sua condição histórica, não como domínio do historiador ou da historiografia, mas em sua historicidade ao considerar o quiasma, o entrelaçamento, o cruzamento, a imbricação do corpo no mundo.

De acordo com Imbert (2005), desde as primeiras obras Merleau-Ponty interessa-se por outros domínios de pensamento além da filosofia, como, por exemplo, a psicologia, a etnologia, a história, a neurologia. Nesse percurso, afasta-se da fenomenologia, notadamente de aspectos idealistas da abordagem husserliana, ao produzir sobre essa a crítica mais pertinente e mais metódica.

Segundo Muchail (2004), Merleau-Ponty dedicou vários textos de sua obra para tratar das relações entre filosofia e ciências humanas:

Neles, o autor aborda aquela questão do ângulo das relações entre, por um lado, a filosofia e, por outro, a psicologia, as ciências da linguagem, a história, a sociologia [...]. Merleau-Ponty rejeita certas alternativas que confundem ou falseiam o conceito de história e que fazem da filosofia e da história tradições rivais [...]. Merleau-Ponty afirmará que é precisamente pela nossa inerência a uma determinada situação, pela nossa inserção numa cultura particular, que podemos realizar o movimento de compreensão de outras situações e de outras formações culturais [...] (idem, ibidem, p. 22-24).

A partir dessas considerações a respeito da abordagem filosófica da pesquisa, buscamos compreender a percepção de corpo que temos em nossa cidade, tendo como referência as percepções dos sujeitos e suas experiências corporais. Inicialmente, cabe esclarecer a compreensão de percepção em nossa pesquisa. Compartilha-se com Merleau-Ponty à crítica ao pensamento objetivo e à lógica positivista da causalidade linear do tipo estímulo-resposta aplicada aos estudos sobre o corpo e as sensações.

De acordo com o filósofo citado, não há distinção entre o sujeito, o objeto e o ato de ligação na experiência perceptiva, destacando o movimento e o sentir como elementos da percepção. “A percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como concebe o físico aquilo que devemos ver ouvir e sentir” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 308).

A teoria da percepção em Merleau-Ponty também se refere ao campo da subjetividade e da historicidade, ao mundo dos objetos culturais, das relações sociais, do diálogo, dos afetos, das tensões, das contradições. “O mundo percebido não é apenas o meu mundo, é nele que vejo desenharem-se as condutas de outrem” (idem, ibidem, p. 453). Sob o sujeito encarnado, correlacionamos o corpo, o tempo, o outro, o mundo da cultura e das relações sociais.

Essa percepção não é uma tomada de “consciência” de um sujeito que constitui o mundo por representação, um sujeito espiritual (ser puro), mas é experimentação de um sujeito encarnado, sujeito que é corpo, visível e invisível para si próprio (presença e ausência de si), um corpo imbricado no mundo, um corpo que se move. Merleau-Ponty (1964, p. 24) afirma que “antes da ciência do corpo – que implica a relação com outrem –, a experiência de minha carne como ganga de minha percepção ensinou-me que a percepção não nasce em qualquer lugar, mas emerge no recesso de um corpo”.

Indagados sobre qual a motivação para realizar as práticas corporais, os sujeitos, homens e mulheres, jovens e adultos apontam para questões como manter uma vida saudável, finalidades estéticas e lazeres. As preocupações com a vida sau-

dável apresentam-se como a percepção mais expressiva nos sujeitos entrevistados. Destaca-se a ideia de treinar o corpo como caminho para a saúde e o bem-estar, sendo este último aspecto identificado a ausência de doenças. Sobre a vida saudável na percepção dos sujeitos, citamos alguns depoimentos:

Traz benefícios para minha saúde e futuramente pode fazer com que eu não tenha doenças, como sedentarismo.

Ela [a atividade física] nos dá saúde. Porque eu me sinto bem com ela, gosto de praticar.

Minha motivação é sentir-se saudável.

Segundo os entrevistados, as informações sobre saúde são obtidas em congressos científicos, faculdade, TV, jornais, revistas, em conversas com a família e com os amigos. Nota-se que a gestão do próprio corpo pode ser identificada como ação de um mecanismo disciplinar, na perspectiva apresentada por Foucault (1979). Para a produção do corpo saudável, vários especialistas entram em cena, tais como: médicos, profissionais de educação física, instrutores de musculação, fisioterapeutas. Trata-se de uma rede entre poder e saber, quase sempre gerida pela autoridade médica. Nos depoimentos, podem-se perceber regras de gestão do corpo condicionadas pelo dispositivo disciplinar, tais como:

Não dormir tarde, não acordar tarde, ter uma boa alimentação... e não fumar nem beber. Isso é importante na vida da pessoa.

Eu não fumo, beber, assim, nos fins de semana e, assim, fumar não é comigo não.

Eu tento preservar, me desligar de anabolizantes, que a rapaziada usa. Tento fazer uma alimentação boa.

Pratico atividade física regularmente.

Praticar exercício físico, procurar não comer coisas que façam mal...

A preocupação com a *boa forma* e com a aparência configura importantes percepções sobre a visibilidade do corpo e sobre os sentidos atribuídos pelos sujeitos às práticas corporais. Nesse contexto, a intencionalidade das práticas corporais é declarada por meio de objetivos, desejos e interesses relativos, sobretudo, ao emagrecimento e ao fortalecimento muscular, senão vejamos:

Ganhar massa muscular. É melhor para minha saúde e para manter o corpo mais forte.

Manter a forma e emagrecer.

Perder de peso.

Tenho que perder mais um pouquinho [perder peso], porque gordura não é bom, principalmente pra quem tem problema. Pra minha altura, eu estou com 50 quilos e tenho que chegar, no mínimo, aos 47 ou 48 quilos.

Perder mais cinco quilos. Já perdi 12 quilos em dois meses e quero perder mais.

Conforme Castro (2003), a atual tendência de cultuar o corpo pode ser entendida como modo de estar na moda, que vem conquistando cada vez mais a aceitação de pessoas e formando subgrupos que se diferenciam uns dos outros pelo tipo de modalidade praticada, pela roupa, pelo estilo de música que se ouve ao praticar, pelos locais que frequentam, pelo tipo de programa de televisão a que assistem ou pelo tipo de leitura preferida.

Ao observarmos os padrões de beleza divulgados socialmente, em especial na mídia, percebe-se que a cada década homens e mulheres vão ganhando uma nova silhueta, cuja regra de elegância e da beleza ideal está associada, via de regra, à imagem da jovem magra e do homem musculoso. Encontramos nos depoimentos e em conversas informais com pessoas de várias idades e níveis de escolarização uma grande insatisfação com o corpo. Outra referência recorrente diz respeito às dietas.

A reflexão feita por Mendes (2007), em sua tese sobre a máxima de Juvenal *mens sana in corpore sano* é significativa. O regime, que na antiguidade greco-romana referia-se a um conjunto de hábitos de vida, incluindo o uso dos prazeres sexuais, não traduz mais essa preocupação, ou pelo menos adquire outras características. Diz a autora:

O próprio termo *dieta*, que estava relacionado a esse conjunto, é reduzido à ingestão dos alimentos e aos valores energéticos. [...] Esses modelos que são ditados visam à autorregulação dos indivíduos com base numa relação heterônoma [...]. Novas verdades se instauram através da objetivação do indivíduo a partir do que é permitido ou interdito. A busca pela boa forma e por um estilo de vida ativa padronizado continua a ser influenciada pelas modernas formas de governabilidade (MENDES, 2007, p. 90).

Essas percepções, relacionadas à vida saudável, à boa forma, à aparência do corpo, à afetividade, ao divertimento, entre outros sentidos apontam para a inseparabilidade na ação cotidiana entre os temas da vida orgânica e social. Para Merleau-Ponty (2000), a sensorialidade é um investimento, imobilização de um poder e investimento dos poderes por meio dos vínculos corporais.

A relação entre as práticas corporais e o modo de vida urbano é intensificada com afirmações a respeito das diferenças entre as zonas administrativas da cidade

e seus espaços para o lazer, a cultura, para o cultivo do corpo. A cidade tem correspondido a essas expectativas? Como essas diferenças são construídas e como afetam a percepção dos sujeitos?

O que eu mais gosto é a cidade em si, é bom morar numa cidade praieira, eu gosto de praia. Agora, o que eu menos gosto é que, pelo menos aqui em Ponta Negra, tem muita prostituição sabe? Principalmente os turistas que vêm mal intencionados.

Percebo-me como uma pessoa importante, porque participo de Conselho comunitário, faço parte de grupo de jovens aqui da comunidade, estou sempre interagindo com as pessoas, na escola faço parte do Conselho escolar.

Natal modificou muito, está deixando de ser uma cidade pequena para ser uma metrópole, o exemplo disso é o trânsito, o trânsito está cada vez mais caótico.

Eu sou da Zona Norte, eu sei que lá a percepção [da cidade] é bem diferente. O pessoal não tem tanta oportunidade que o pessoal daqui [referindo-se a zona administrativa sul da cidade] tem. Por exemplo, questão de lazer, diversão, lá não tem praticamente nada.

Está havendo uma mudança de consciência e de equipamentos comunitários nas regiões menos favorecidas. Eu conheço a zona Norte e sei que hoje ela tem os equipamentos está havendo também uma mudança dos gestores da cidade, em relação a ofertar outras condições aos moradores. De vez em quando eu acho [a cidade] estranha para mim (risos), porque ela cresce muito rápido. Hoje eu considero que a cidade é muito grande para mim, para o que eu preciso por isso eu vou muito ao interior (risos).

Cada zona tem suas peculiaridades e formação sócio-educacional-cultural. Acho que cada zona tem suas características e alguns pontos podem convergir e alguns outros diferenciam bastante.

A experiência relatada nas crônicas cascudianas sobre o *encanto de se andar em certas ruas* de nossa cidade, ruas arborizadas, floridas, cheias de pés de mangabas é cada vez mais rara. O processo de modernização da cidade de Natal, associado à requalificação espacial, foi introduzido e se intensifica, impondo-se uma paisagem urbana em que cada vez menos os espaços públicos como praças, parques e mesmo as praias são acessíveis (FERREIRA; MARQUES, 2000).

As práticas corporais e as percepções dos sujeitos sobre as experiências corporais apontam para uma percepção da cidade cada vez mais condicionada por expectativas de saúde, boa forma e lazer, sendo condicionadas por um modo de vida urbano marcado pela segregação socioeconômica e espacial encontradas na cidade, exploradas pela mídia, pela publicidade, pela indústria do corpo cujas sutilezas

são amparadas pelo domínio da tecnociência e do mercado, como bem demonstra os estudos de Silva (2001).

Os *shopping centers*, as academias de ginástica com suas paredes de vidro são grandes vitrines do culto ao corpo contemporâneo. A vida ao ar livre parece cada vez mais distante das experiências corporais e da cidade. Para caminhar na praia, precisamos de uma série de equipamentos, cosméticos, orientações de um profissional especializado que, por vezes, nos afastam de nós mesmos e da própria cidade.

Os espaços da cidade como lugares de encontro, convivência, culto ao corpo configuram as percepções, bem como as experiências corporais alteram a percepção dos espaços na cidade. Em cada uma das práticas observadas constrói-se uma percepção específica do corpo e da cidade. Na *yoga*, no *tai chi chuan*, por exemplo, é possível experimentar outras intensidades corporais. Nessas práticas podemos experimentar a lentidão, diminuir a velocidade dos gestos, da respiração. Na experimentação dessas intensidades do corpo podemos aprofundar o contato consigo mesmo e com o outro. Na dança de salão, por exemplo, podemos experimentar o contato com o outro de modo mais íntimo, o par enlaçado, os deslocamentos, o abraço. Esse outro não é necessariamente o namorado, a namorada, o esposo, mas um novo amigo, até então desconhecido, considerado agora como um próximo.

Nessas práticas podemos conhecer outras culturas, outras experiências sociais e históricas e podemos experimentar formas afetivas de convivência que podem se tornar momentos de resistência frente à individualização dos sujeitos. Esses sentidos podem contribuir para recriar a existência individual e coletiva com novos interesses e com outras sensibilidades. Destaca-se também que nas práticas corporais os sujeitos criam significados coletivos, como sentir-se parte da cidade, perceber as mudanças do espaço urbano, compreendê-las através da participação comunitária, das responsabilidades dos gestores e da própria população na atenção ao ambiente, na valorização e cuidados com os espaços públicos, bem como na percepção e criação de significados afetivos que os unem a cidade onde nasceram ou que os acolheram.

DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS OU SOBRE A IMBRICAÇÃO CORPO- MUNDO

As motivações apresentadas pelos sujeitos estão situadas em práticas de si históricas e socialmente localizáveis. O futebol, a dança, a caminhada, o *surf*, a *yoga*, o *tai chi chuan*, cada uma dessas práticas possui um programa que atende a tecnologia disciplinar, com indicações sobre os usos do corpo, do espaço, o controle do tempo, das emoções que se vêem configurando ao longo dos processos sócio-históricos, sendo investidas por determinações sociais, culturais, científicas, políticas.

Porém, as relações de poder na realização dessas práticas corporais não se reduzem à orientação médica ou pedagógica, à pressão midiática, ao controle, ao comando, à disciplina, adotando a forma de instabilidade, apresentando estratégias de saída de um estado de dominação para outras possibilidades de ser sujeito, de ter prazer com o seu corpo, de sentir-se bem, de conviver com outras pessoas.

Mesmo inseridos em um processo de medicalização da vida e mercadorização do corpo, as falas apontam para momentos importantes de resistência, haja vista que os sentidos atribuídos aos exercícios também são condicionados pela experiência dos sujeitos em outros domínios da vida, sua cultura, suas preferências estéticas, suas emoções. Mesmo sob o condicionamento dos dispositivos disciplinares, os sujeitos podem encontrar espaços de convivência com o corpo e a descoberta criativa de novas maneiras de viver, de formar laços afetivos, de gostar de si mesmo, de conviver. Desse modo, os sentidos e as motivações dos sujeitos ultrapassam a significação do exercício vinculada ao campo da aptidão física ou do culto ao corpo. Esses aspectos aparecem à medida que as pessoas demonstram o interesse para conhecer o corpo, perceber seus sinais; ou ainda na busca do autoconhecimento; no interesse por conhecer novas culturas, no desejo de encontrar com os amigos, de fazer novas amizades, de estar em contato com a natureza, entre outros.

Compreender a percepção dos sujeitos sobre as práticas corporais permitiu um olhar mais abrangente sobre as relações entre o corpo e a cidade. Os depoimentos, as percepções sobre o corpo, sobre as práticas corporais e a cidade reafirmam, por meio da compreensão das experiências vividas, a tese fenomenológica segundo a qual o corpo e o mundo estão imbricados. Sobre o quiasma, entrelaçamento ou imbricação do corpo no mundo, o filósofo exemplifica: “Essa lacuna onde se encontram nossos olhos, nosso dorso, é de fato preenchida, mas preenchida por um visível do qual não somos titulares” (idem, *ibidem*, p. 186).

Em razão dessa condição, buscam-se acoplamentos, conexões com a carne do mundo. O corpo cria movimentos e, ao mover-se, cria sentidos existenciais, sendo esses sentidos também sociais e históricos, haja vista a condição ontológica do corpo que coloca os acontecimentos, a idealidade cultural, as significações sob o signo das indeterminações, territórios do Ser Selvagem¹.

O quiasma configura uma lógica que compreende a porosidade das fronteiras entre o corpo e a alma, entre o corpo objeto e corpo sujeito, entre o corpo individual e o corpo coletivo. Para Merleau-Ponty (1964), o olhar – tomado como

1. O ser selvagem figura na ontologia de Merleau-Ponty como o ser indeterminado, aberto a criação, avesso a essencialismos ou idealismos. Para pensar e compreender essa ontologia é preciso compreender o corpo sinérgico, o corpo carne do mundo (MERLEAU-PONTY, 1964).

metáfora do corpo – investe as coisas do mundo e as envolve com sua carne. O exemplo descrito pelo filósofo é significativo:

É preciso compreender que esse vermelho sob meus olhos, não é, como se diz sempre, uma *quale*, uma película de ser sem espessura [...]. Claudel diz aproximadamente que certo azul do mar é tão azul que somente o sangue é mais vermelho [...]. Com mais razão, a roupa vermelha liga-se com todas as suas fibras ao tecido do visível e, por ele, a um tecido do ser invisível. Pontuação no campo das coisas vermelhas, que compreende as telhas dos tetos, a bandeirola dos guardas das estradas de ferro, a bandeira da Revolução, alguns terrenos pertos de Aix ou de Madagascar, ela também o é no campo das roupas vermelhas, que compreende, além dos vestidos das mulheres, as becas dos professores e dos advogados-gerais, os mantos dos bispos, como também nos adornos e uniformes. E seu vermelho não é, precisamente, o mesmo conforme apareça numa constelação ou noutra, conforme nele participa a pura essência da revolução de 1917, ou a do eterno feminino, ou do promotor público ou das ciganas vestidas a Hussarda que, há vinte e cinco anos, reinavam num restaurante dos Campos Elísios. Certo vermelho também é um fóssil retirado do fundo de mundos imaginários... (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 172-173).

Essas participações do vermelho indicam uma modulação efêmera do mundo e do nosso corpo, entrelaçando horizontes exteriores e interiores, fazendo ressoar diversas regiões do mundo, do pensamento, da ação, sendo cristalizações momentâneas do ser colorido ou da visibilidade. Assim, a imbricação entre o corpo e o mundo – a propósito do tempo, do espaço, do movimento –, segundo as teses de Merleau-Ponty (1964), contribui para compreender as práticas corporais na cidade como concreções de possíveis, percepções momentâneas em razão dos cruzamentos existenciais, sociais e históricos que envolvem as imagens do corpo e das práticas corporais.

A ontologia do corpo apresentada por Merleau-Ponty irá se afastar das noções de sujeito ou de consciência, tomando como referência a percepção dos movimentos do corpo. Nesse contexto, a noção de motricidade refere-se à intencionalidade, no sentido de mover-se no mundo, criar horizontes, alargar a experiência vivida. Não se trata de uma intencionalidade de juízos, raciocínios lógicos, mas de uma cinestesia possível pela nossa condição corpórea. A leitura aqui apresentada sobre as percepções do sujeito sobre as práticas corporais configuram uma fenomenologia cuja razão encontra-se menos em uma estrutura do sujeito, ao modo idealista da questão e mais na espessura dos acontecimentos, na carne do mundo. Assim, as ideias sobre o corpo, sejam científicas ou cotidianas, brotam e se espalham nas articulações do corpo e de seu movimento nos espaços da cidade.

Perception of the body practices in Natal city

ABSTRACT: In the research, conducted between the years 2004 and 2007, we interviewed people involved in body practices in the Natal, RN city, most of them in public spaces of the city: parks, beaches, squares and leisure areas. Through the phenomenological approach of Merleau-Ponty, we sought to understand subjectivation processes of triggered by the body practices. We request about what is the motivation to carry out the practice and on the perception of the body and of the space, the interviewees point to issues such as maintaining a healthy life, aesthetic and recreational purposes. This perception is intensified with the statement of the subjects about the differences between the administrative areas of the city and its spaces for leisure, culture, for the body cultivation.

KEYWORDS: Physical education; body; phenomenology.

Percepción de las prácticas corporales en la ciudad de Natal

RESUMEN: En la pesquisa, realizada entre los años de 2004 y 2007, entrevistamos personas que participan de prácticas corporales en la ciudad de Natal (RN), la mayoría en espacios públicos de la ciudad: parques, playas, plazas, zonas de recreo. A través de la fenomenología de Merleau-Ponty, tratamos de entender la relación entre el cuerpo y el alma en los procesos de subjetivación provocados por las prácticas del cuerpo. Indagados acerca de la motivación para llevar a cabo las prácticas y la percepción del cuerpo y del espacio, los sujetos apuntan para cuestiones como el mantenimiento de una vida sana, finalidades estéticas y recreativas. Esta percepción se intensifica con la afirmación de los sujetos sobre las diferencias entre las áreas administrativas de la ciudad y sus espacios para el recreo, la cultura, para el cultivo del cuerpo.

PALABRAS CLAVES: Educación física; cuerpo; fenomenología.

REFERÊNCIAS

BOLTANSKY, L. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASCUDO, C. *Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Org. Raimundo Arrais. Natal: EDUFRN, 2005.

CASTRO, A. L. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

DANTAS, E. R. *O corpo modificado, os discursos da mídia e a educação multireferencial*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

FRAGA, A. B. *Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa*. Campinas: Autores Associados, 2006.

FERREIRA, A.; MARQUES, S. Privado e público: inovação espacial ou social? *Scripta Nova – Revista Electronica de Geografia Y Ciências Sociales*, Universidad de Barcelona, n. 69, ago. 2000.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

IMBERT, C. *Maurice Merleau-Ponty*. Paris: ADPF, 2005.

LUCENA, R. *O esporte na cidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MENDES, I. *Mens sana in corpore sano: saberes e práticas educativas sobre corpo e saúde*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1964.

_____. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. *A natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MUCHAIL, S. T. *Foucault, simplesmente: textos reunidos*. São Paulo: Loyola, 2004.

SENNETT, R. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas: Autores Associados; Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SOARES, C. Pedagogias do corpo: higiene, ginásticas, esporte. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Recebido: 11 set. 2008

Aprovado: 15 fev. 2009

Endereço para correspondência
Terezinha Petrucia da Nóbrega
Av. Caiapós, 3.005, bloco Ravena/202 – Pitimbu
Natal-RN
CEP 59067-400